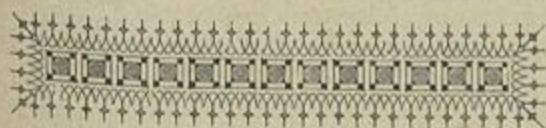


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 657	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE MARÇO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Realizou-se na praça do Barreiro a primeira toirada. Anunciaram cartazes a inauguração da praça de Algés com Reverte e os seus bandariheiros.

O verão chega apressado. Fortísimos calores teem cahido. As arvores encheram-se de folhas, os campos de flôres.

Chegou o tempo das toiradas, dos vestidos claros, dos chapéus de palha. O vento, quando sopra, tinge de vermelho o chão sob as olaias, revolve n'uma guisalhada as flôras verde-claras dos ulmeiros. De quando em quando perpassa um cheiro suavissimo, delicioso, de flôr de lorangeira.

O sol nasce no ceu opulento, que todo se enche de côres de gala para recebê-lo. Vão rapidas as andorinhas de dorso azul, e ás tardes os andorinhões vão e revôam, muito alto, em grandes círculos.

Aos toiros com Reverte!

E é justamente no tempo mais desanimado que, uma vez por outra, se vê em Lisboa alguma animação.

E que as toiradas são o unico divertimento de veras nacional, o unico que a todos deveras atrahê, enthusiasma, commove.

A praça encheu-se de gente alegre, impaciente. A musica toca e cada qual apressado procura o lugar. Comprimentam-se todos de longe, cruzam-se as conversações. No theatro, no decorrer do mais pungente drama, dois homens podem falar em seus negocios; mas nos toiros só se fala em toiros. O homem da agua passa apregoando, a florista offerecendo os cravos. Gritos, berros. E hora! No curro ouve-se o tilintar lento dos chocalhos dos cabrestos, o sacudir dos guisos dos do boi de guia. A praça está regada e prompta. E hora! Chegou o administrador. O Botas cerimonioso, de sobrecasaca e chapéu alto, occupou o lugar. O cornetim tocou. Abriu-se a porta do cavalleiro. Rompe o hymno.

E é uma alegria, uma alegria unica, na praça cheia de sol!

Está o verão comnosco.

Dentro em pouco fechará S. Carlos, onde, ha poucos dias, foi dada a primeira representação do *Asrael*, que não obteve o agrado da sua feliz antecessora. Depois de terminada a assignatura cantar se-ha o *Ernani* em beneficio do secretario da empresa e da familia do fallecido camaroteiro. A parte do protagonista será desempenhada pelo barytono Beltrani, que tão applaudido foi no prologo dos *Palhaços*, mas que em tão poucas operas poude mostrar ao publico o seu inquestionavel valor.

Para despedida do inverno e para que este não se vá sem deixar saudades á sociedade elegante de Lisboa, tem o sr. ministro de França aberto as esplendidas salas do magnifico palacio da legação e n'ellas recebido todas as semanas o que em Lisboa ha de mais distincto e aristocratico.

O sr. ministro da Allemanha offereceu um jantar ao sr. conselheiro Mathias de Carvalho, novo ministro dos negocios estrangeiros, que foi seguido por uma animadissima *soirée*.

Ninguem dirá portanto que, se o verão come-

çou esplendido, não terminou esplendido o inverno.

No theatro de D. Maria, onde a *Marcella* não fez carreira, continua o triumpho do *Othello*.

E foi talvez devido ao constante exito da obra prima de Shakespeare, que a peça de Victorien Sardou não obteve aquelle agrado que outras seguramente inferiores teem alcançado.

E que Shakespeare é um mau visinho. Como certas mães, que até muito tarde conservam a belleza, prejudicam os casamentos das filhas, que ninguem quer vêr, assim aquelle bisavô ha de ofuscar todos os netos legitimos, bastardos ou esurios.

A empresa do theatro de D. Maria, que tão corajosamente poz em pratica a idéa de nos dar pela primeira vez em portuguez uma tragedia do im-

mortal poeta, ella que em tão bom caminho seguiu, e tão proveitoso, quando levou á scena o *Hamlet*, e que, sem haver perdido o tempo, embora certas culpas, mórmente a do arranjo francez de que foi traduzida, não permitissem que a peça tivesse o exito que merecia, nos deu, na epoca passada aquella primorosa comedia da *Fera amansada*, essa empresa, que possui actores de primeira ordem e das melhores actrizes de Portugal, encontraria no enorme repertorio do genial dramaturgo, manancial riquissimo de lucros certos e novissimos triumphos.

Tivemos, ha tempos, a felicidade de ouvir ler uma traducção magnifica, em felicissimos versos, d'uma das tragedias, que mais, sem duvida, é destinada para o agrado enthusiastico do nosso publico. Foi Coelho de Carvalho quem sahiu victo-



S. JOÃO EVANGELISTA

rioso do emprehendimento. A sua traducção do *Macbeth* é uma verdadeira obra prima.

O *Macbeth* é das peças de Shakespeare uma das que mais facilmente podem ser accommodadas á scena moderna. Assim se explica o sem numero de representações que tem obtido na maior parte dos theatros do mundo. Com mais um pequenino trabalho, pelo qual todos nos felicitaremos felicitando o traductor, poderá o illustre poeta portuguez prestar um valiosissimo serviço ao theatro e ao publico.

Comquanto não seja facil o accordo sobre qual a melhor tragedia do poeta inglez, tres d'ellas, por serem as mais afamadas e representadas em todos os palcos em que se presta culto ao genio, desejaríamos ver no nosso primeiro theatro: *Macbeth*, *Rei Lear* e *Romeu e Julieta*.

Claro está que a companhia que ali funciona não dispõe dos elementos necessarios para pôr devidamente em scena as tres obras immortaes. Mas nem só o genio pôde interpretar o genio, e a boa vontade e a virtude da intenção seriam para todos desculpa d'uma ousadia.

Apesar do que muitos gritam contra o verso no theatro, essa fórma, musica acompanhando a acção, muita vez explicando mais do que a palavra, ha de, ainda por muito tempo, ser a querida auxiliar dos dramaturgos, como foi nos remotos tempos, como foi dos poetas romanos, de Gil Vicente e Lopo de Vega, de Corneille e Molière, de Shakespeare e Goethe, de Musset e Victor Hugo.

Não é só contra elle no theatro que muitos bradam; querem-o de todo desterrar como fórma inferior só capaz de mascarar o vazio d'uma idéa.

E entretanto cada vez, como se em prosa vulgar não coubessem as grandes dôres e as grandes alegrias, cada vez o verso é mais querido de todos os que sentem, de quantos precisam de musica para formular suas queixas.

Tantos livros de versos agora sahiram de prelos portuguezes! Velhos e novos, eil-os combatendo.

De todos esses poetas falaremos algum dia, de Antonio Corrêa de Oliveira, o auctor da *Ladainha*, um poeta de dezoito annos cantando uma alvorada como a não sabem cantar as cotovias, de Luiz Guimarães, o auctor dos *Versos Intimos* e do *Livro da Minha Alma*, a quem me prendem laços de vivissima afeição e a quem tenho de felicitar pelo seu novo livro *Idyllios Chinezes*, de Augusto Forte-Gatto, o auctor das *Ruinias*, que ainda canta

Da vida já cançada ao entardecer

Nada dissemos tambem da *Mentira Vital* por Henrique de Vasconcellos, a quem desde já agradecemos um epitheto amabilissimo com que nos precede o nome n'uma das paginas do seu livro; do *Juízo Final* de Augusto de Lacerda, um livro estranho e sentido, da *Marqueza de Verride*, drama cheio de observação, por D. Thomaz de Almeida, de tantos livros com que nos tem brindado a amabilidade dos seus auctores.

Mas houveram as senhoras de ter o primeiro lugar e não pudemos ainda dar a nossa impressão sobre os romances *Madame Renan*, de Cael e *Flavia*, da ar.^a D. Guiomar Torrozo.

Muito teremos pois que dizer um dia, quando se nos não impuzer a tyrannia de tantos assumptos que são obrigações de chronista, que em tudo tem que metter-se, que de tudo tem que falar.

A questão de Creta continua a ser discutida. Na passada quinta feira a Academia de Lisboa fez uma manifestação de sympathia em frente do consolo da Grecia, mostrando a sua adhesão aos estudantes da universidade de Athenas.

Dois a tres mil manifestantes reuniram-se no Largo de Camões, em frente do café Martinho, seguiram pela rua Augusta e rua dos Capellistas, voltando á rua do Oiro, onde debaixo das janelas do consolo ergueram vivas á Grecia com vibrantissimo enthusiasmo.

Continuam os combates em Creta e parece que o Sultão está resolvendo a lançar os seus exercitos sobre o pequenino reino heroico. Entretanto um telegramma de Paris annuncia que as grandes potencias entraram em relações directas com a Grecia a respeito das condições com que deve ser dada a auctonomia á Ilha, sendo possivel uma proxima solução pacifica. Assim seja.

Sejam quaes forem as razões que movem as grandes potencias n'esta questão, a verdade é uma: o movimento hellenico é sympathico a toda a Europa.

As attentões teem-se por isso desviado da nossa Africa, d'onde raras noticias veem ou são conhecidas do publico.

Diz um dictado francez: *Pas de nouvelles, bon-*

nes nouvelles. É essa a nossa crença, essa a nossa esperança.

Já de ha muito se sabia quão longa havia de ser a longa campanha em tao maus terrenos e com inimigo tão pertinaz na defeza, tão prudente no ataque. Não é por isso de espantar que sejam demoradas as manobras do pequenino exercito portuguez.

E visto falarmos n'elle, chamaremos a attenção de todos os que presam memorias de velhas glorias para a carta que o architecto, sr. Adães Bermudes publica em todos os jornaes de Lisboa, a respeito do velho templo dos Jeronymos, e na qual diz poder provar «que a estabilidade das abobadas incomparaveis da nave e cruceiro da igreja se acha gravemente comprometida; que a disparatada torre Cinnati ameaça breve e inevitavel ruina, bem como as abobadas do côro, e que é portanto criminoso qualquer demora em effectuar os indispensaveis trabalhos de consolidação das abobadas e demolição do coroamento da torre.»

O assumpto é gravissimo e interessa a todos. Deixará aluir, por desmaselo, aquelle poema de pedra, quem junto do outro, parece que por escaerco, deixou construir um gazometro?

Tudo é possivel. E pregar aos peixinhos pedir a esmola d'um bocadinho d'amor pela arte.

Já uma vez ouvi a um pedaço d'asno que uma coisa catita era um *chalet* no alto das ruinas do Carmo.

Pois ainda não perdi a esperança de o ver lá um dia.

E não ha força!...

João da Camara



AS NOSSAS GRAVURAS

S. JOÃO EVANGELISTA

Aproxima-se o luctuoso desenlace do drama do Calvario, e enquanto no aspero monte rebenham os cardos que dilaceraram os pés do Divino Mestre, e com que lhe teçeram a escarnekedora corôa que lhe ensanguentou a fronte, enquanto o mundo catholico vae commemorar mais um anniversario da Paixão de Jesus, dos milhares que tem passado no volver dos seculos, não esqueçamos um dos heroes que figurou n'esse drama, a quem o Divino Mestre chamou o seu discipulo amado. S. João Evangelista, que foi uma das testemunhas de todos os passos de Jesus e que melhor fez a chronica da sua vida, nos Evangelhos que deixou escriptos.

Conhecer a vida d'este apostolo não será ocioso para muitos dos nossos leitores, e por isso a iremos esboçar em breves traços, pelas notas, de um escriptor da igreja, que temos á mão.

S. João Evangelista, um dos doze apóstolos, o discipulo amado de Jesus e o mais auctorizado dos Evangelistas, nasceu em Bethsaida da Galilêa, filho de Zebedeu e irmão de S. Thiago maior. Tinha vinte e cinco annos e era um pobre pescador, quando Jesus o chamou para si.

João foi testemunha de todos os milagres de Jesus, porque acompanhou o Mestre no Thabor, no Monte Olivete, no Calvario, como amigo leal e dedicado que o é para os lances da fortuna como para os da adversidade.

Tão rico de sensibilidade e de generosos affectos, Jesus, na hora extrema, recommendou-lhe o que mais amava no mundo, sua Mãe!

Geralmente, S. João Evangelista é considerado representando toda a humanidade n'aquelle grande acto da reconciliação universal. Ali fallando a João, Jesus se dirigia a toda a humanidade: a João dando-lhe por mãe Maria Santissima, ao amor maternal de Maria recommendando todos os homens.

Após a descida do Espirito Santo principiou S. João Evangelista a pregar o Evangelho, e é celebre aquella resposta dada á recommendação do sacerdocio judaico, para não mais pregar:— «nós não podemos deixar de apregoar o que vimos e ouvimos.» (Act. 4.^o).

João pregou na Asia Menor, então um dos paizes mais civilizados, e foi o primeiro bispo da famosa Epheso, onde existira o mais maravilhoso templo do paganismo, consagrado a Dianna.

De S. João Evangelista tomou Epheso o seu nome moderno—*Asia solouk*, isto é, Santo theologo.

No anno 95 da era christã João Evangelista foi

conduzido a Roma, onde soffreu o martyrio de azeite a ferver. Salvo d'este martyrio, foi degradado para a ilha de Pathmos, onde escreveu o seu prophetic, mysterioso e sublime livro do Apocalypse.

A sua volta a Epheso, depois da morte de Domiciano, foi um verdadeiro triumpho. Então, já muito adiantado em annos, escreveu o seu Evangelho, em que emnumera e descreve muitos factos que os outros evangelistas não mencionam, e nos transmite discursos mais completos de Jesus, que elles apenas referem de leve, assim como rebate os erros de Ebion, Corintho e outros, sobre a divindade e verdadeira humanidade de Jesus Christo.

João Evangelista morreu em Epheso, sendo quasi centenário e é celebre a resposta que deu a seus discipulos que lhe fizeram reparo por elle, nos ultimos annos da vida, se limitar a soltar as palavras: «filhinhos amai-vos»;—respondeu: «é que o Senhor Jesus assim o quer, é que isto é tudo.

Era o ultimo canto de amor d'aquelle maviosissimo coração, depois do de Maria Santissima, o mais parecido com o de Jesus. «Amai-vos, que a isto se reduz a minha nova lei», exclamou Jesus na vespera da sua paixão, como uma recommendação extrema do mais amoroso pae, como um testamento solemnisimo que deixava por herdeiros todos os homens, prestes a ser remidos com o sangue que sellaria aquelle divino testamento.

«Amai-vos», foi o ultimo bradar de S. João Evangelista, foi o sello d'aquella vida de amor, consagrada ao seu Deus e á humanidade, amor admiravelmente revelado no Evangelho e nas epistolas que Deus lhe inspirou.

Os escriptos de S. João Evangelista são sempre o documento escripto mais auctorizado da verdade e da belleza do christianismo e por isso o alvo mais procurado pelos impugnadores d'aquella verdade.

Segundo o testemunho de Pedro, bispo de Alexandria, ainda no seculo xvi se guardava em Epheso o autographo dos escriptos do seu primeiro bispo, o glorioso S. João Evangelista.

UMA VISTA DA REGOA

Vae finalmente ter um caminho de ferro, que corta a provincia de Traz os-Montes até á fronteira, por Villa Real e Chaves, a Villa do Peso da Regoa.

A concessão d'esta linha, pedida pelos srs. Alberto da Cunha Leão e Julio Pereira Cabral, vae ser dada pelo governo a estes srs., em virtude do parecer favoravel do conselho superior de obras publicas e minas datado de 22 do corrente.

Este caminho de ferro tem um percurso de 100 kilometros, numeros redondos, e os concessionarios, constroem-n'o sem encargos para o estado, sendo a concessão por 99 annos e findo este prazo reverterá para o estado todo o material fixo, podendo, porém, o governo remir no fim de 35 annos por uma annuidade, que não poderá ser inferior á que fôr necessaria para amortisar, durante os annos da concessão, ainda não decorridos, á taxa de 5 %, o capital da construcção, previamente determinado, segundo os projectos approvados pelo governo.

A estação da Regoa fica commum ao serviço da linha do Douro e da do Valle do Corgo, pagando os concessionarios as despesas a fazer.

O primeiro lançço da Regoa a Villa Real deverá estar construido em tres annos; de Villa Real a Chaves, em oito annos, e de Chaves á fronteira em dez annos. Esta ultima parte é facultativa á empreza.

A linha da Regoa a Villa Real não tem tuneis e apenas duas pontes sobre os rios Tenha e Ermidã.

A linha é de via reduzida e os estudos foram feitos, sob a direcção do engenheiro sr. Antonio Maria Hopke de Carvalho, director das obras publicas do districto de Villa Real, pelos engenheiros srs. Sarmento e Andrade.

A Regoa ou Peso da Regoa é uma das villas mais ricas da provincia de Traz-os-Montes, edificada na margem direita do rio Douro, 95 kilometros a E. N. E. da cidade do Porto e cerca de meio kilometro antes de chegar á confluencia do Corgo com o Douro.

A Regoa é uma povoação mais moderna que a do Peso da Regoa, mas como aquella se desenvolveu extraordinariamente desde meados do seculo passado veio ligar-se a esta formando a importante villa que hoje existe.

Esse desenvolvimento rapido foi devido á for-

mação da Companhia Geral da Agricultura e Commercio de Vinhos do Alto-Douro, decretada pelo Marquez de Pombal, em 1757, a qual em poucos annos se tornou a companhia mais importante da Europa n'aquelle genero de industria e commercio.

Para expansão da sua actividade e riqueza, fundou esta companhia grandes armazens e officinas nas margens do Douro e no sopé do monte do Peso proximo da antiga povoação do Peso da Regoa. A estas construcções se foram seguindo outras para habitação dos operarios e mais gente empregada no trafego, e assim se foi alargando a nova povoação com seus estabelecimentos de commercio, estalagem e outros, até ao que hoje existe, por sem duvida importante, mas que mais florescente seria se o mal das vinhas não a tivesse feito descahir tanto nos ultimos tempos.

De facto a Regoa seria das mais ricas villas de Portugal, se a prosperidade da sua industria viticula fôsse n'um crescendo natural, calculando que nos fins do seculo passado, na feira de vinhos que ali se fazia em feveiro de cada anno, as vendas de vinho, aguardente e geropiga, subiam de seis a oito milhões de cruzados, ou sejam dois mil e quatrocentos a tres mil e duzentos contos de réis.

Construida, como ficou dito ao sopé do monte do Peso, tem estendido as suas edificações pela encosta meridional da serra sendo para notar as edificações da Companhia que ainda hoje estão de pé assim como a propriedade do bem conhecido negociante de vinhos e já failecido sr. Antonio Bernardo Ferreira, o Ferreirinha da Regoa, além de outras propriedades de boa construcção e elegantes que ali se encontram.

Não deixaremos de notar a sua igreja matriz, construida nos meados do seculo passado, que é um templo vasto e bem decorado, muito especialmente a capella-mór que é de magnifica talha dourada.

No altar d'esta capella ha um retabulo representando o Ceu de Jesus Christo, imaginosa composição e pintura de Pedro Alexandrino, certamente uma das mais apreciaveis obras d'este notavel pintor portuguez.

O caminho de ferro com que esta villa vae ser dotada, concorrerá, decerto, para que ella volte á sua antiga importancia pelo desenvolvimento das suas fontes de riqueza.

COMO LHE DIRRE! . . .

Aqui temos um quadro que na sua simplicidade envolve uma situação difficil, qual a d'aquelle pobre camponio, em presença da rapariga, que mais de uma vez, de certo, lhe terá tirado o somno.

Ali, tão a sós a occasião é epportuna para lhe fazer a sua declaração, porque elle de ha muito que a adora, mas se o seu coração trasborda de amor, a lingua prende se-lhe na bocca, paralisa pelo receio de arriscar uma phrase, uma palavra que poderá ser mal compreendida pela formosa cachopa.

Mas em amor não ha rudeza. O que não se sabe exprimir pelas palavras, insinua-se pelos olhos, que são o espelho da alma, e por cada volta que ella vae dando na sua malha, mais vae enredando o coração do seu apaixonado.

Acabarão por se entenderem, e quantas vezes elle largará o trabalho, como agora, para vir junto da sua conversada, concertar os planos da sua felicidade futura.

Que se casem e sejam felizes é o que todos lh.s desejavam e até a nossa gentil leitora, que decerto tem um coração sensível.

PELOURINHO DO FUNDÃO

Dando aqui á estampa o pelourinho do Fundão archivamos n'estas paginas mais um documento historico que o camartello municipal destruiu, tirando das vistas uma prova da importancia da villa de Fundão, uma das mais ricas da provincia da Beira-Baixa, pelo seu commercio e industria.

Escrevendo d'este pelourinho, no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, diz o nosso presado amigo sr. Gabriel Pereira o seguinte, que com a devida venia transcrevemos: «Picota era a designação antiga e popular do que modernamente se chamou pelourinho. Em todo o mundo que soffreu a influencia do direito romano, na França feudal ou em Portugal, paiz de fóros municipaes, e de coutos e honras de fidalgos e ordens militares ou religiosas, se ergueu a picota, signal bem claro da auctoridade local.

Viterbo, no Elucidario, diz: — picota é o pelourinho com as suas cadeias e argola, onde os criminosos eram expostos á vergonha. Era a picota signal de jurisdicção. — *As paudeiras e candieiras, carniceiros e regaleiras. . . que defraudarem o peso pela 3.ª vez que forem culpados. . . devem ser postos na picota*

Forca, picota e tronco, era a trindade da justiça; villa que a tivesse era honrada, tinha meios de punir o crime, de garantir a propriedade.

De picota mui regularmente se fez o verbo *empicotar*, pôr na picota, prender nas argolas algum criminoso ou malfeitor, que não fosse réo de pena maior que açoutes ou vergonha publica.

Pelo que vejo dos documentos, a picota iam os infractores das posturas municipaes.

Viterbo cita documentos de Vizeu e Porto; eu conheço muitos outros do sul a norte do paiz, e encontro sempre o uso de empicotar para os roubos no peso, especialmente na carne e no pão, eterna questão! invasões de propriedade, salto de muro ou vallado, etc.

E isto era geral; vejamos o Ducange na palavra *Pilorum*, com as suas variantes *piloricum, peltorico, pellerinum, pellerium, pilaricum, pellerolium, spilorium*. Tambem lá na França feudal a forca, o pelourinho e o tronco formavam a affirmacção manifesta da auctoridade.

Entre nós o pelourinho estava na praça, junto dos paços do concelho, e a forca fóra do povoado, á beira da estrada mais concorrida.

Frequentemente essa columna erguida no sitio principal foi ornamentada com a vara do vereador do pelouro; e ainda hoje se conservam alguns pelourinhos de verdadeiro merito artistico.

Pelourinhos, cruzeiros, capellinhas das almas espalhadas pelos campos, teem uma funcção artistica, popular, que merece attenção.

Duarte d'Armas (Livro das fortalezas do Reino, na Torre do Tombo) pintou tambem alguns pelourinhos com suas gaiolas e guaritas para exposicção de criminosos; o que me parece influencia flamenga; porque nos pelourinhos que conheço, antigos, não vejo signal de gaiola. Em geral, do topo da columna ou pilastra saem quatro braços de ferro, cruzados, com anneis pendentes.

Creio que o pelourinho de Arraiolos, muito elegante construcção, ainda estará completo; ainda o vi ha poucos annos com seus anneis e cadeias.

Ha bastantes pelourinhos do tempo de D. Manuel; foi n'este reinado que foram dados ou renovados muitos foraes (V. art. de Andrade Ferreira. *Artes e Letras*, 1872).

No museu da mesma associação está o pelourinho do couto d'Evora de Alcobaça (n.º 3:876, da nave central do Carmo), que tem sobre a columna a figura do abbade, como symbolo da posse e auctoridade territorial.

A respeito do pelourinho do Fundão, diz o nosso consocio, sr. José Germano da Cunha, no seu livro — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* — uma bella manhá (julgo que em 1882) appareceu em terra e feito em pedaços. Fóra isto em consequencia de uma resolução da camara suppondo que o pelourinho era simplesmente um emblema de infancia e despotismo. A este respeito o sr. Cunha cita Herculano, que via no pelourinho um symbolo da liberdade burgueza, e o sr. Theophilo Braga que o julga emblema da jurisdicção municipal.

O pelourinho da cidade de Evora tambem appareceu em terra uma manhá, haverá 30 annos; creio que ainda existem os pedaços da columna; não tinha merito artistico.

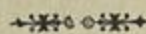
Vilhena Barbosa trata dos pelourinhos nos *Estudos historicos e archeologicos*, T. 1.º, 255; e assim o sr. Oliveira nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, trabalho vastissimo e de alta importancia para o paiz, no tomo 1.º, pag. 213-409 e segg.

Na artistica columna vasada com que Eugenio dos Santos de Carvalho, o architecto da nova Lisboa, adornou a actual praça do Pelourinho, foi justicado um cadete por crime de fratricidio. Foi a ultima execução capital no pelourinho que o reino presenciou.

O pelourinho de Setubal dizem que é uma columna de marmore extrahida das excavações de Cetobriga, em tempo de D. Maria I.

O OCCIDENTE tem publicado algumas gravuras de pelourinhos: no 1.º vol., de Campo Maior e Bragança; no 4.º, de Villa Viçosa; no 5.º, de Villa Nova de Foscôa, Aldeia Gallega, de Pinhel e Trancoso, etc.

G. Pereira.



CRUELDADE DA MODA

O homem é senhor absoluto da terra ou, pelo menos, julga que o é, pois á força de o repetir a todo o transe, não ha talvez crença a que mais apegado esteja. Quem ousará, portanto, contestar tão peremptoria affirmacção? Os que poderiam impugnal-a, são, já se vê, homens tambem, e como taes, não iriam por certo attentar contra a dignidade da especie a que pertencem. Aceitemos, pois, quer sim quer nao, o facto, visto não haver outro remedio e perguntemos apenas: «de que modo exerce o homem a sua auctoridade? «A resposta, para que digamos, não é em extremo consoladora. O homem é, sem a minima duvida, um senhor assaz despotico, um tyranno cruel. Pelo menos, assim o tem sido até hoje.

Quem nos diz, porém, que no porvir — e bem desejaríamos revesti-lo de côres brilhantes — quem nos assevera que, no seculo que em breve vae entrar, com o progresso das idéas, não progredirão, a par, o sentimento da justiça e o da humanidade; e se as coisas, portanto, não mudarão tambem para melhor? É possivel que fique tudo na mesma; mas, em summa, como não custam nada os bons desejos, ousemos esperar que haverá mudança, e para melhor.

A civilisação, que nós — em certo sentido, não sem razão — tanto apregoamos, não conseguiu, até ao dia de hoje, moderar, sequer ao menos, a terrivel devastação que a descomedida devastação e a barbara crueldade dos homens tem consumado, já no reino vegetal, já no reino animal. Onde predomina a questão do interesse, surgem desde logo os abusos do poder e as oppressões da auctoridade.

Quem haverá ahí que desconheça a utilidade das florestas? E comtudo, a desarborisação das montanhas continúa, e continuará, e as planicies subjacentes continuarão tambem a estar sujeitas aos incessantes estragos causados pelas torrentes que n'ellas veem desaguar.

A Grecia, a Italia, a Peninsula hispanica e a França deploram hoje a perda das suas florestas; a propria Russia solta clamores contra o imprudente exterminio dos densos bosques que ainda não ha muito tempo lhe revestiam o solo; a Alemanha e a Austria ambas teem tambem razões de sobra para a tal respeito se queixarem, comquanto a devastação n'aquelles dois vastos paizes não haja ainda assim attingido proporções tão consideraveis. E a America? Onde estão hoje essas grandiosas florestas seculares, verdadeiro encanto para quem sabe vêr e sentir as maravilhas da creação? Se até o proprio *Yankee*, comquanto seja pouco accessivel á poesia das bellezas naturaes, tem motivos de sobejo para deplorar, sob o ponto de vista da utilidade pratica, pelo menos, a destruição tão completa das suas incommensuraveis florestas. Pois a crueldade dos homens tem-se manifestado contra o mundo animal ainda talvez com maior requinte.

Nos casos em que a vida e a prosperidade do homem se acham ameaçados pelas féras, é sem duvida natural que elle se defenda e, em defeza propria, destrúa o seu inimigo.

Seria mal cabida sensibilidade que, pelo facto de ser o tigre um soberbo exemplar da especie a que pertence, nos puzessemos para ahí a clamar contra a guerra de exterminio que por toda a India lhe movem; e muito mais comprehensivel é, decerto, o esforço que hoje se emprega para a conservacção do urso, esse monarcha das florestas europeias.

Urge tambem impôr limite á perseguição incessante que, dia a dia, vae disimando animaes tão nobres, quaes são o veado, a camurça, o gamo e outras especies que povoam as florestas nas regiões elevadas, e dão vida e encanto á grandiosa paisagem, concorrendo sobremaneira a realçar-lhe a pittoresca impressão.

É claro que ao economista não interessa de modo algum a conservacção d'estas especies zoologicas. Não as poupa tambem o caçador de profissão, comquanto ninguém melhor do que elle esteja nos casos de avaliar os prejuizos que resultam de suas depredações, pois, conhecendo intimamente os segredos todos do viver dos animaes, não ignora que cada um d'elles recebeu da natureza o encargo de desempenhar, por assim dizer, missão especial e distingue, com conhecimento de causa, os que são uteis, dos que são damninhos. E no entanto, uns e outros continuam a ser victimas de perseguição implacavel; animaes completamente inoffensivos, e especies, aliás immensamente uteis ao homem, estão, naturalmente, pouco menos de extinctos. O sport norte-americano emprehendeu contra o buffalo verdadeira guerra de exterminio, privando d'esse modo o desgraçado indio pelle-vermelha do meio unico



UMA VISTA DA REGOIA

(Cópia de uma photographia)

de subsistencia. E hoje, para memoria de tão gloriosas façanhas cynegeticas, são conservados no esplendido parque de Yellowstone alguns raros exemplares d'essa raça quasi extincta, tal qual conservam, mantendo-os a expensas da nação, os disimados restos das tão perseguidas raças indo-americanas, encurraladas nos terrenos da *Reserva*.

As aves não tem experimentado ás mãos do homem melhor tratamento.

Essas interessantes creaturas que povoam as aerias regiões não conseguem esquivar-se ao destino que seu inimigo implacavel e não alado, o homem, lhes prepara: — este, com mão desapiedada, fere-os por toda a parte, e a bala da sua escopeta vae surprehendel-os nas alturas, cortando-lhes o vôo com imprudentissima insistencia, e sem sequer se lembrar que tempo virá em que se achará privado em absoluto d'esse seu crudelissimo

lhas, o visco, a espingarda procedem á sua tarefa de exterminio.

Se até na propria electricidade encontraram os homens mais um recurso para destruir, em massa, as innocentes avesinhas!

As proporções attingidas por tão cruel mortandade, deduzem-se mais claramente de uma noticia que appareceu ha tempos em um jornal hespanhol. Nas visinhança d'uma das grandes cidades da Hespanha, apanharam, n'uma só noite, quatro mil duzias de passarinhos, que cahiram fulminados dos arames telegraphicos!

Se, afim de satisfazer ás exigencias da mais requintada gastronomia, são disimadas sem piedade centenas de milhares de aves de tão variadas especies, que diremos ao vêr a enorme quantidade d'ellas que todos os dias são sacrificadas ao culto da moda? Quando viermos a saber que, por as-

deformações não submettem o proprio corpo? Nem ha culto mais inveterado, mais resistente; resiste a tudo: para os fanaticos, não ha argumentos que valham. E será eterno, como a vaidade humana, inevitavel, como a asneira, outra tendencia humana, eterna tambem, provavelmente. E, facto curioso quanto triste symptoma, é entre as classes elevadas, as classes dirigentes, que os dictames da anonyma divindade encontram mais indiscutida acceitação e mais passiva obediencia tambem. Oppõe-lhe unicamente resistencia firme o bom senso popular; com instincto esthetico muito mais seguro, adopta de tempos a tempos uma ou outra moda, mas apenas quando lhe reconhece utilidade pratica ou valor decorativo; funde-a então sensatamente nos seus trajos ancestraes e, circumstancia assaz comica, é a classe mais educada que por vezes vem prestar homenagem



COMO LHE DIREI!...

prazer favorito, a caça, por lhe faltar completamente o alvo para os seus tiros!

Quantas e quantas especies se não acham hoje pouco menos de aniquiladas por tão inconsiderado furor destructivo? Quão injustificada não é a perseguição e a guerra de exterminio que nos paizes meridionaes da Europa, e mais designadamente na Hespanha e na Italia, a tal ponto tem disimado os pobres cantores emplumados.

O viajante, na Italia, por toda a parte e a todo o momento é surprehendido pelo estridulo pregão «uccelli» — passaros —; e mais desagradavelmente surprehendido fica ainda quando, ao relancear os olhos para o estendal do vendilhão, se lhe deparam, mortos e apinhados aos milhares e milhares, tão inoffensivos passarinhos, quaes são o rouxinol, a cotovia, o pintasilgo e o pardal, cuja sorte commum é irem servir de condimento á magna *polenta* da cosinha italiana.

Tão depressa o bando das pobres avesinhas, abaixando o vôo, poisa a descansar, surge logo outro bando, mais intelligente, mas muito menos inoffensivo, composto de individuos de ambas os sexos e de todas as edades, e a rêde, as armadi-

sim dizer, especies inteiras, são completamente aniquiladas, com o fim unico de adornarem com sua variegada plumagem os chapéus e toucados das damas?

A captura e a destruição das aves raras, dovida a tão fútil motivo, encontrou seu maximo desenvolvimento nas regiões meridionaes da America, os centros, porém, de tão abominavel trafico são, como é de supôr, as grandes capitães da moda, Londres e Paris. As damas das outras nações, já se vê, com pacifica obediencia e abdicando o direito a terem e manifestarem gosto proprio, seguem incondicionalmente os dictames, embora absurdos e injustificaveis, nem se sabe de quem; assim que o dictador (ou burlador) anonymo lhes brada: «Plumas no chapéu ou ficar em casa!» ai das pobres avezinhas! É moda — está dito tudo.

— Qu'importa á donzella sentimental ou á carinhosa matrona que tão sentidas lagrimas derramou, na vespera, pela morte do canario, do periquito ou do *tóto* favorito, o ser cumplice no tremendo morticinio que sacrificou a vida de milhares das encantadoras avezinhas? — É moda! E, votadas ao seu culto, a que supplicios atrozes, a quantas

ao gosto artistico mais puro da outra que lhe é inferior; por exemplo: quanta menina bonita — são inseparaveis os dois vocabulos — que, desejando parecel-o mais, se fôr possivel — quando chega o carnaval, e intenta deslumbrar seus admiradores em alegre mascarada, prefere, desde logo, entre os variadissimos e caprichosos figurinos de baile, o traje tão artistico e racionalmente perfeito da ovarina ou da lavradeira minhóta? A camponeza suissa, á *maja* andaluza, á escultural transteverina tributam nos respectivos paizes as suas compatriotas mais altamente collocadas, identica homenagem — e senão, que o digam os mostruarios dos photographos, a *étagère* e a jardineira da sala do papá, ou, relevem nos a indiscrição, uma ou outra vez, o escaninho reservado da carteira do seu adorador discreto.

A tudo resistem as velleidades da deusa moda, dissêmos nós ha pouco; a tudo, até mesmo ao mais pungente ridiculo. Não ha, talvez, assumpto que tenha sido alvo de mais acerbas criticas, de satyras tão mordazes! É impossivel sentir-se impressão mais burlesca do que aquella que resalta da contemplação demorada de uma longa série

de volumes de qualquer repositório de modas. A insanias, os disparates dos trajés, o grotesco dos chapéus, dos toucados, tudo absurdo e impróprio as mais das vezes, para o fim a que é destinado, e testemunhando a ausência de gosto, de senso estético, deveras desconsoladora!

As coifas extravagantes, as monstruosas gorgeiras de rufos, os donaires e os guarda-infantes dos séculos XVI e XVII; as peneiras e merinaques do século immediato, as estapafúrdias chaquetas do fim do mesmo século, e os penteados da mesma época, arvorando jardins inteiros e hortas até, navios á vela, castellos e tudo mais que occorrer pôde á mais desatinada phantasia, assumiram proporções de ordem tal, que ás vezes chegamos quasi que a pôr em duvida a veracidade dos documentos. Por muito irrisórias, contudo, que tenham sido as modas dos tempos passados, repugnam menos, sem duvida, sob o ponto de vista moral e humanitario, do que a ostentação systematica, apenas com intermitencias, ha mais de um quarto de século, de aves embalsamadas, de pennas, de plumas e penachos como adorno de chapéus; abuso que, apesar de constantes quanto energeticos protestos, promete durar, infelizmente, e trará como fatal resultado a completa extincção d'uma infinidade de especies de aves raras e formosissimas.

O minuscúlo colibri, o passaro mosca, verdadeira maravilha em ponto pequeno da creação, quasi não existe já; nem é menos para lastimar a sorte da esplendorosa ave do paraizo, de dia para dia mais rara. A agúia marítima, cujo habitaculo principal era a Florida, pôde considerar-se ali especie extincta, e com difficuldade se encontra actualmente em outras regiões.

Ordenou um dia, em seu despotismo, a moda que as pennas brancas da extremidade das azas d'esta soberba ave, que apenas durante o periodo de incubação lhe podem ser extorquidas, viessem a ser adorno imprescindível para vestidos de noivado.

As proporções attingidas pela destruição das innocentes avesinhas em todas as regiões do globo terrestre, durante os vinte annos mais recentes, pôde deduzir-se dos seguintes algarismos: a Inglaterra, só por si, importa todos os annos entre vinte cinco e trinta milhões de passaros de toda a especie, e mais de metade d'este prodigioso numero de victimas é, unica e exclusivamente, sacrificado á vaidade feminina.

Em seguida a tão eloquentes algarismos que mais haverá a dizer?

Pin-Sel.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

IX

(Continuado do n.º 656)

Pela noite o *Santo Antonio* levantou ferro e aprofundou para sahida, aproveitando a hora da maré, desferrando pano pouco a pouco, debaixo de grande silencio, com as maiores precauções. O vento, no porto soprava brando e só mais para o largo é que o mar, encrespado, indicava vento mais rijo.

Vencer a sahida era tudo, porque depois com boa refrega e pano largo, ganharia distancia não sendo facil colhel-a nenhum dos navios da esquadilha.

Á cautela, Alvaro de Mesquita fôra mandado para a proa por Quesada, para d'ali parlamentar com Magalhães, se da *Trindade* dessem pela sahida da *Santo Antonio*, como era de prever. De facto assim aconteceu, mas o modo como da *Trindade* vieram á fala não deu tempo a parlamentar.

Esta caravella, assim que a *Santo Antonio* chegou ao alcance, rompeu fogo das peças e de mosqueteria, investindo para a abordagem.

Estava lá Magalhães que era tão ousado

navegador como soldado. Mandando a manobra com precisão e incitando os seus homens ao combate, não tardou a abordagem e que estes saltassem no navio sublevado, ouvindo-se então, por entre o alarme da desordem e o estrondear dos tiros, vozes que perguntavam em alta grita:

— Por quem sois?

Da resposta a esta pergunta dependia a paz ou o exterminio dos sublevados, porque Magalhães e a sua gente não contemporisavam.

Quesada, por sua parte tambem incitava os seus homens á resistencia e ao combate, mas não inspirava á sua gente a mesma confiança que Magalhães, nem tinha o prestigio superior do chefe da esquadilha.

Foi por isto que não teve meio de resistir á abordagem, e a resposta á pergunta que a gente da *Trindade* ia repetindo insistentemente: — Por quem sois? echoou na alma de Quesada como uma sentença de morte, ao ouvir gritar:

— Pelo rei nosso senhor e por vossa mercê!

Fernão de Magalhães triumphava mais uma vez dos revoltosos e affirmava o seu prestigio entre a gente que o acompanhava, fazendo perder a esperanza de novas sublevações.

Quesada e todos os cabeças de motim foram presos, e o mesmo succedeu a Cartagena, capitão da *Conceição*, que humilhado se entregou.

Restava castigar os sublevados e esse castigo devia ser exemplar para que não viessem novas tentativas de revolta pôr em perigo a segurança e bom exito da expedição.

Consoante os tempos e a grandeza dos delictos, assim seria a severidade da punição.

Magalhães não hesitou na sentença.

No dia 4 de abril, o seguinte áquella noite de desordem, mandou Magalhães que o cadaver de Luiz de Mendonça, fosse posto em terra e ali esartejado ás vistas de todos e apregoada a alta traição, que assim fôra punida.

Seguidamente foi instaurado a bordo da *Trindade* um processo, em que Alvaro de Mesquita formulou a accusação, sendo os alguazis e escrivães, que iam na esquadilha, encarregados de fazerem o summario e inquerirem as testemunhas, o que tudo escripto deveria depois ser apresentado a El-rei, quando Magalhães regressasse a Castella, como prova justificativa do seu procedimento.¹

D'esse processo resultou a sentença que condemnou á morte Gaspar de Quesada e Luiz Molino, creado d'este.

Passados tres dias, a 7 de abril, teve lugar a execução.

Para esse fim foi armado na praia o patibulo e na presença de contingentes de todos os navios, decapitado o criminoso, servindo de carrasco o Luiz de Molino que por este preço adquiriu o perdão.

O corpo de Quesada tambem foi esartejado e a sua traição apregoada.

Mas ainda não era tudo. João de Cartagena tambem devia ser punido assim como o capellão Pedro Sanches de La Reina, que tambem se averiguou ter conspirado contra o chefe da esquadilha.

O castigo, porém, d'estes revoltosos, parecendo mais equitativo, nem por isso foi menos duro, pois que Magalhães os condemnou a ficarem abandonados em terra, onde não havia viveres apropriados nem gente.

É facil calcular as inclemencias que aquellos desgraçados soffriam e quão duramente expiaram o seu delicto.

Se Fernão de Magalhães affirmou a sua auctoridade de forma tão cruel, deve-lhe ser levado em conta a rudeza dos tempos e a imperiosa necessidade que a isto o obrigou, para não ver completamente perdida a sua gloriosa empreza.

X

Fernão de Magalhães conseguira, enfim, restabelecer a ordem na sua esquadilha; mas, se não receava novas sublevações que contrariassem o seu proposito, contrariava-o a invernia com todos os rigores de suas tormentas, que não o deixavam avançar na viagem de exploração.

A impaciencia principiava a apoderar-se do seu espirito, porque o tempo ia correndo sem resultado pratico que o animasse, tanto a elle como á sua gente.

Chegou o fim de abril e os rigores do inverno pareciam ceder ás instancias da primavera risonha e boa.

Tanto bastou para que Magalhães ordenasse um reconhecimento ao Sul da bahia de S. Julião, para onde julgava encontrar o almejado estreito ou passagem para os mares da India.

Encarregou João Serrão de ir, na caravella *S. Thiago*, a mais pequena da esquadilha, fazer esse reconhecimento, para o que deu ao ousado piloto as instrucções necessarias, recommendando-lhe que seguisse sempre para Sul e paralelo á costa, porque assim encontraria o estreito.

Seguiu João Serrão as iustrucções de Magalhães, costeando cerca de vinte legoas, com tempo favoravel, e a 3 de maio encontrou-se na foz de um rio com mais de uma legoa de largura.

Seria a entrada do procurado estreito? E' o que vamos vêr.

Era e é o dia 3 de maio commemorado pela egreja, que celebra a festa da exaltação da Santa Cruz, e Serrão commemorando

¹ Navarrete publicou este processo a pag. 10 do tomo IV da sua Colección.

aquelle dia deu ao novo rio o nome de Santa Cruz, que ainda hoje tem.

Abundava ali a pesca e os lobos marinhos e de tão grande tamanho como ainda não tinham sido vistos; dis Herrera que um d'aquelles animalejos despido da pelle, da cabeça e das gorduras pesava desanove arrobas ou dosentos e oitenta e cinco kilos dos pesos actuaes.

Fez Serrão um reconhecimento á costa, mas não encontrou signaes do estreito, pelo que proseguio a viagem para Sul, continuando a seguir a costa. Um forte temporal, porem, surpreendeu os navegantes, a 22 de maio, transtornando-lhe o proseguimento da derrota.

Os escriptores que se referem a este successo divergem emquanto a datas e a victimas do naufragio, Diego Arana, porém, segue a ordem chronologica dos factos e estabelece aquella data, assim como descreve o naufragio e as victimas.

A tempestade foi tão violenta que rasgou todo o panno da caravella; a força do mar levou o leme e arrastou o navio á praia onde se fes em pedaços, mai dando tempo á tripulação se salvar, perecendo ainda assim afogado um preto escravo de Serrão.

Depois das luctas com os homens principiavam as luctas com os elementos, para o que era impotente toda a energia de Magalhães.

Dos homens triumphara elle até alli; da furia dos elementos era mais difficil e só uma vontade de ferro, disposta a vencer ou morrer, poderia alimentar a esperança de triumphar.

(Continúa).

CAETANO ALBERTO.

EM QUINTA FEIRA SANTA ¹

«11 DE ABRIL DE 1895»

Christo—doce evangelizador dos povos, risinho vidente, teu coração foi o sacrario de todos os mais puros affectos, de todo o benedicto amor!

Christo—doce propagandista da Humildade—flor celeste que tu plantaste na alma humana para aromatizar-lhe o ambito da existencia!

Christo—mestre carinhoso dos ignorantes *pequeninos*, guia dos cegos nas ambições terrenas, estrella da esperança aos que padecem, doce consolação aos que choram! «*Bemaventurados são os que choram porque elles serão consolados!*»

No meio da devassidão em que se abysmava o povo onde nasceste; no meio da crapula infame d'uma sociedade perdida; no meio do gémor dos escravizados, ao jugo dos prepotentes que sahiam das portas immortaes de Roma—azorragues dos Cezares; no meio da decadencia mental do povo hebreu e da hypocrisia nojenta que circumdava os altares do Tabernaculo conspurcando a obra grandiosa de Moysés e prostituindo a idéa do Deus dos exercitos; no meio d'esse sussurro enorme de miseraveis, de hypocritas, de ignorantes, de famintos, de tyrannos, de escravos, de leprosos, tu, ó Christo, assentaste o teu arraial de paz, de amor e de perdão!

Tu os chamaste—aos peccadores, para que viessem dobrar o joelho, não nos degraus de marmore do templo de Sião onde passeiavam, os pés nús, adornados de joias, as mulheres prostituídas, fazendo tinir as perolas, as carnes voluptuosas ve-

ladas apenas sob mantos de gaze por cuja transparencia passavam os olhares libidinosos dos padres corruptos, mas sobre a relva, junto do monte sagrado sobre o qual ondulavam as tuas palavras dôces e consoladoras!

Tu os chamaste, aos peccadores, para que trocassem a terra pelo ceu, a guerra pela paz, o odio pelo amor...

«*Bemaventurados são os pacíficos porque elles serão chamados filhos de Deus.*»

Vencidos, os cobardes expulsos do templo, foram tramar na sombra a perdição do Justo!

Querem a sua morte, porque os amedronta a voz d'aquelles labios escutada por centenas de famintos de justiça, porque os cega a luz d'aquella alma que clareia as trevas de milhares d'existencias, porque os subjugava a expressão d'aquelle olhar divino e prescruador!

Querem a sua morte, porque, n'uma tarde, ousou entrar as portas da grande cidade rodeado de milhares de crentes, pisando sobre palmas e flores que lhe atiravam sobre o caminho entre aclamações festivas e apothoticas.

«*Hossanas ao filho de David.*»

Luto universal!

Cruzam-se raios sob a negridão do espaço, erguem-se phantasmas dos tumulos e apontam com o dedo mirrado o logar do deicidio!

O Cedron chora! As flores pendem e deixam cahir as petalas brancas, uma a uma, sobre a terra, como lagrimas!

Morreste, ó Christo, morreste! mas a tua memoria viverá eternamente no coração do povo que tu amaste!

Morreste! mas ficarás immortalizado na humanidade que te bemdirá por todos os seculos!

Morreste! mas a tua cruz, ó Christo, será sempre o signal abençoado na peregrinação da vida, logar de repouso ao viajor exangue, arvore benedicta, a cuja sombra consoladora as gerações irão dormir, socegadas, o grande somno eterno.

José Augusto de Castro.

O NARIZ DO TABELLIÃO

POR E. ABOUT

VII

Decorreram duas horas de anciosa agitação, desordem e barulho inauditos. E no entanto, o pae Steinburg lá estava a vestir a casaca azul com botões de ouro; madame Steinburg, em trajo de gala, superintendia em duas aias e tres costureiras, que andavam para cá e para lá, em redor da formosa Irma. A eburnea noiva, enfarinhada de pó de arroz qual linguado para frigar, sapateava, impaciente, e descompunha toda a gente, com imparcialidade admiravel! E o maire do decimo bairro, cilhado com a respectiva faixa, passeiava pela espaçosa sala vaga, e lá ia ruminando o seu projectado improvizosinho! E os privilegiados mendigos de Thomaz de Aquino andavam em montaria a dois ou tres aldrabões, Deus sabe de onde e que appareciam por ali no intuito de lhes disputar a boa áchega. E Mr. Henrique Steinbrug a mascar, á meia hora, a ponta do charuto, no fumatorio do pae, admirando que o caro Alfredo não tivesse ainda comparecido no sitio apazado.

Gastou-se-lhe, afinal, a paciencia, e elle lá vae levado até á rua de Sartine, onde vae dar com o cunhado, lavado em lagrimas e entregue ao mais profundo desespero! Em presença de tamanha desgraça, quem lograria encontrar palavras de consolação! Passeou e tornou a passear em redor do infeliz, e, sem cessar, repetia a locução: co'a breca! Fez-lhe repetir duas vezes a narração do fatalissimo desastre, e salpicou, aqui e acolá, a conversa com varias sentenças philosophicas.

E o maldicto cirurgião sem apparecer!

Fora chamado com urgencia; mandou procurar-o a casa, ao hospital respectivo e por toda a parte, em summa. Até que emfim, lá veiu, e logo á primeira vista, percebeu que o Romagné espiçára a canella!

— Bem me queria parecer! disse o tabellião dobrando o choro. — Esse traste, esse patife d'esse Romagné!

Tal foi a oração funebre do miserando auzernez.

— E agora doutor! que se hade fazer?

— O que podemos é procurar outro Romagné e começar de novo a tentativa; o senhor, porém, já conhece, por experiencia propria, os inconve-

nientes de tal systema, e, se quer o meu parecer, voltemos ao methodo Indiano.

— A pelle da testa? Nunca! Vale mais então um nariz de prata.

— E hoje, que os fazem pr'ahi tão elegantes, accudiu o doutor.

— Resta a saber se acaso mademoiselle Joanna Steinburg consentirá em casar com um invalido de nariz de prata? Henrique, ao meu amigo o que lhe parece?

Henrique Steinburg abanava a cabeça sem dar resposta. Foi levar a noticia á familia e, de caminho, receber as ordens da menina Joanna. A meiga donzella teve um impulso heroico, quando soube a desventura do noivo!

— Imaginou então, exclamou, que eu ia casar com elle, por amor da cara? Se assim fosse, tinha meu primo Rodrigo, o conselheiro: o Rodrigo se não é tão rico, em compensação, é muito mais bem parecido! Concedi a minha mão a Messer L'Ambert por que é um perfeito cavalleiro, muito bem relacionado, porque o seu character, o seu palacete, os seus cavallos, o seu espirito, o seu alfaiate, tudo que lhe diz respeito, em summa, encanta-me. E demais, as despezas da minha *toilette* estão feitas, e o malogro d'este casamento seria um golpe na minha reputação. Vamos minha mãe, vamos já ter com elle, estou resolvida a accetal o, tal qual está!

Quando, porém, se encontrou em presença do mutilado, tão formoso enthusiasmo cahiu por terra. Desmaiou; obrigaram-n'a a recuperar os sentidos, apenas, porém, para se desfazer em pranto. Por entre os soluços, ouviu-se-lhe um grito, verdadeiro grito d'alma.

— O Rodrigo! Rodrigo! exclamou! — fui bem injusta para comtigo!

Messer L'Ambert ficou solteiro. Mandou fazer um nariz de prata esmaltado e cedeu o cartorio ao primeiro escripturario. Encontrou, á venda, uma casinha de apparencia modesta proxima do hospital dos Invalidos, comprou-a Alguns amigos, patuscos da gêmma, alegravam-lhe o retiro. Arranjou frasqueira selecta e lá se foi consolando, o melhor que ponde. As mais apuradas garrafinhas de Chateau-Yquem, o Clos-Vougeot dos annos melhores é tudo para elle. E ás vezes, diz, a brincar:

— Não sou como os outros homens, tenho privilegio: posso beber á farta, que o meu nariz nunca se faz encarnado!

Sempre fiel ás suas convicções politicas, lê os jornaes serios e faz votos pelo exito de Chiavone; mas lá dinheiro, é que elle lhe não manda. O gosto de empilhar escudos de ouro, proporcional-lhe suavissima embriaguez. Vive entre dois vinhos e entre dois milhões.

Na semana proxima passada, indo elle, certo dia, muito socegado da sua vida, pelo passeio fóra, na rua de Eblé, soltou um grito de surpresa. Surgira lhe em frente a sombra do Romagné, com a farpela de veludilho azul! Seria de facto uma sombra? — As sombras não fazem fretes, e esta carregava com um bahu no aparelho que levava ás costas.

— O' Romagné! bradou o tabellião.

Ergueu o outro os olhos e com a voz móle e pachorrenta, respondeu.

— Chantas noites, chinhor L'Ambert!

— Pois fallas? — É que estás vivo!

— Chá che chabe que estou!

— Biltre!... O que fizeste então do meu nariz?

— Disse, agarrou-o pela gola da jaqueta e sacudiu-o a valer. Desenvencilhou-se a custo o auzernez, e replicou:

— Facha favor de me largar! Num bê que num me pócho defender. C'o dialho! Estou maneta — olhe! Quando o chinhor me alevantou a mejada, entrei pr'a caixa d'um constructor de machinas e um demo d'uma roda rapou-me um bracho!

FIM

Pin Sel



Recebemos e agradecemos:

Representação apresentada á Camara dos Senhores deputados da Nação Portuguesa pela Companhia de Moçambique, em 6 de fevereiro de 1897. Lisboa. 1897.

Attentas varias interpeações feitas no parlamento, ácerca de diversos factos de administra-

¹ Do livro *Impressionistas*.

ção da importantíssima companhia portugueza, julgou esta correr-lhe o restricto dever de apresentar aos dignos deputados as suas explicações francas e sinceras, desvanecendo assim quaesquer impressões a que prudente reserva da companhia tivesse por ventura dado logar.

Não podemos deixar de applaudir vivamente tal resolução, porque só assim se poderá fazer inteira justiça á companhia, a fim de que, forte com o auxilio dos poderes publicos e com o apoio da opinião, ella possa a bem do paiz, proseguir desassombradamente no desempenho da sua difficil e patriótica missão.

Em vista da magnitude dos interesses que n'este documento se sobrelevam, tentaremos reunir em poucas palavras os topicos principaes.

I—Nacionalidade dos empregados da companhia; quanto á asserção, já bastante contestada, de que elles são estrangeiros, responde a companhia com um elucidativo mappa do qual se vê que entre 119 empregados, aparte os guardas civis, praças da guarda militar e fiscal, todos portuguezes, ha apenas 7 estrangeiros, dos quaes só um é inglez, e estes ultimos foram admittidos quando a companhia luctava com difficuldades em encontrar portuguezes aptos. Resulta, pois, ser absolutamente inexacto que os empregados da companhia sejam na sua maioria estrangeiros, e especialmente inglezes, como se affirmou.

II—Escolas de Instrução primaria; quanto á impugnação de não haver creado todas as possiveis para os indigenas, a administração da companhia adduz razões de veras conscienciosas e muito logicas, tendo-as estabelecidas já na Beira, Cheloane, Sofala e Sena, seguindo uma orientação patriótica.

III—Escolas de artes e officios, quanto ao seu não estabelecimento, vê-se que elle seria inopportuno e prejudicial á colonia portugueza, porque essas escolas destinadas a crear operarios indigenas, impediriam a immigração de portuguezes, não se realisando a nacionalisação do territorio. Seguiu, pois, a companhia uma orientação pratica e patriótica e até em seu prejuizo porque a criação de uma escola industrial seria compensada na mão d'obra dos trabalhos a realizar mais tarde.

IV—Missões religiosas; quanto á injusta asserção de que, nos seus territorios, só ha missões estrangeiras, responde eloquentemente a companhia com a correspondencia trocada entre o seu administrador delegado e o illustre bispo de Hymeria.

V—Colonisação portugueza; quanto á asseveração de que a companhia não tem ainda estabelecido nos seus territorios 1:000 familias de colonos portuguezes, como era de lei, demonstra ella como erradamente andou o legislador, porque sem vias de communicação não pode uma colonia subsistir, e portanto a companhia está tratando primeiro de estradas e caminho de ferro para lançar depois de um jacto, nos territorios de Manica as 1.000 familias.

VI—Concessão de quinhões mineiros, mostra-se como não é exacto que as concessões de terrenos, na região aurifera sejam de ordem a passar toda esta região á mão de estrangeiros.

VII—Concessões de terrenos — exploração agricolas quanto á affirmativa gratuita de que propriedade, lingua, medidas, moeda era tudo inglez mostra a companhia n'este capitulo que a propriedade territorial não tem sido alienada porque não só arrenda e afora livremente, como as concessões maiores faram a portuguezes.

VIII—Caminho de ferro de Pungue; a este respeito a Companhia declina, por completo, a responsabilidade attribuida falsamente, e mostra, com as reservas devidas que fez quanto estava ao seu alcance subordinando os seus interesses e procedimento ás indicações do governo e interesses do Estado.

IX—Moeda portugueza lingua portugueza, declara a companhia acerca d'este assumpto que tem empregado sempre todos os esforços e meios ao seu alcance para a moeda portugueza ter curso effectivo nos seus territorios, e que a lingua official é a portugueza e a que se ensina nas escolas.

X—Bandeira portugueza; a asserção de que a companhia hasteava bandeira extranha, é dignamente refutada, como merece e de certo este

capitulo é um dos mais vibrantes e patrioticos.

Vê-se, pois, a sem razão de muitas affirmativas gratuitas e injuriosas feitas á companhia.

Subscreeve tão importante documento, o illustre presidente do conselho de administração conselheiro, José Vicente Barbosa du Bocage.

Tinturaria Cambournac. Lisboa. 1897. E. Barraud. C. Gloria.

N'um pequeno voluminho, que apparece como brinde aos seus freguezes, compilou o proprietario do conceituado estabelecimento todas as indicações uteis que devem acompanhar um bom calendario.

O verso das folhas respectivas a cada mez do anno é destinado a apontamentos, o que torna muito apreciavel este brinde.

Nas ultimas paginas, veem reproduzidas algumas das opiniões da imprensa lisbonense acerca dos productos da fabrica, nas quaes se lêem palavras de justiça e muito bem merecidas.



PELOURINHO DE FUNDÃO

Le Monde Moderne. Paris. Rua de S. Benoit, 25. Recebemos o numero relativo a março de 1897, cujo summario é o seguinte:

Kerkira, par Pierre de Coubertin. — *Le Collier de la panthere*, par Arthur Arc. — *Femmes-Artistes*, par René Morot. — *Spirites et thaumaturges*, par Victor du Bled. — *Fausse monnaie*, par Lux. — *Événements géographiques*, par Gaston Rouvier. — *Le Mouvement littéraire*, par Léo Claretie. — *Causerie scientifique*, par G. Mareschal. — *Chronique théâtrale*, par Maurice Lefebvre. — *Le Dindon*, par Gaston Bergeret. — *Le Palais des Papes à Avignon*, par L. Duhamel. — *Le Œuvre de Wagner à Bayreuth*, par Georges Seivieères. — *La Nouvelle Sarbonne*, par H. Lantoin. — *Le cyclisme militaire aux grandes manoeuvres*.

O Brazil Artistico, revista pernambucana. Redactores: J. Thimes Pereira Junior, (gerente) Mamede dos Reis e Cyrillo S. Thiago.

Temos recebido varios numeros d'esta nova e util publicação. O summario do ultimo numero é o seguinte: *Artigo editorial*, a Redacção. — *O quadro mysterioso*, R. A. — *A photographia das côres (Methodos e Processos)*. — Thimes Pereira Junior. — *A gravura*. — M. R. — *Revista das Revistas. Boletim social*, em que se dá conta do movimento

escolar, social economico do importante Lyceu de Artes e Officios, de Pernambuco, de que é orgão a presente revista, mantida pela Sociedade dos artistas mechanicos e liberaes.

Estação de Paris, revista bi-mensal. Lisboa, 25, fevereiro 1897.

Temos presente o n.º 56 de esta revista de modas e litteratura, primorosamente dirigida pela illustre escriptora D. Guiomar Torrezão, unico jornal que existe em Portugal dirigido por uma senhora. A parte litteraria é tambem interessantissima.

N'este numero, que trata de livros novos, theatros, *feminismo*, etc., isto é de questões palpitantes deparam-se-nos artigos de D. Guiomar Torrezão, D. Anna de Castro Osorio, Sirius, Baronne de Tréfle. D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, etc.

O mundo em casa jornal illustrado para todos. Um pouco de tudo, director Hygino de Mendonça, gerente F. Paslor, 1897.

Temos recebido com regularidade os n.ºs 21 a 24 de esta pequena revista illustrada, os quaes contem artigos muito interessantes, especialmente para o publico a que se destina. As creanças teem na leitura d'aquellas paginas illustradas materia suggestiva para muita gargalhada argentina e encantador recreio.

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes N.º 8 — 3.ª serie, Anno de 1897. Tomo VII.

A erudita corporação, de que este boletim é orgão, mostra n'elle mais uma vez quão merecida é a confiança que o publico illustrado n'ella deposita.

Graças á actividade dos seus membros, a secção dos documentos trocados entre a Associação dos Archeologos e a direcção das Obras Publicas, acerca das diversas peças do monumento a D. Maria I e que estão sob a sua guarda, evidencia os louvaveis esforços feitos pela associação no sentido de se dotar a cidade, — o passeio da Estrella, talvez — com um tão bello monumento, como aquelle de que fallamos.

O sr. E. Rocha Dias continúa n'este numero do apreciado boletim o interessante trabalho: *Noticias Archeologicas* extrahidas do «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal, e ao qual tem junto copiosas notas e indicações particulares.

Le Monde Moderne Janvier et Février. A Quantin, éditeur 5, rue de Saint-Benoit, Paris.

Alcançam já a 26 os numeros publicados da magnifica revista franceza; n'estes dois ultimos a capa é colorida, com formosas photogravuras a azul, verde e sépia.

Entre os artigos dos numeros presentes, destacamos os seguintes com gravuras profusas que dão magnificos elementos para a historia industrial, como *A manufactura de Sévres, a fabricação dos phosphoros*, não contando os gratiosos contos delicadamente illustrados que tornam esta publicação duplamente agradavel e interessante.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO
EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

O OCCIDENTE acha-se á venda em Paris na livraria Boyveau & Chevillet — Rue de la Banque, 22 — (Pres la Bourse).

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39